

# O PROFESSOR MEDIADOR NA PEDAGOGIA DA PARCERIA

CURITIBA/PR Abril/2016

**Alvino Moser** - Centro Universitário Internacional - alvino.m@uninter.com

**Nelson Pereira Castanheira** - Centro Universitário Internacional - nelson.c@uninter.com

**Rodrigo Otávio dos Santos** - Centro Universitário Internacional - rodrigo.s@uninter.com

**Tipo: RELATO DE EXPERIÊNCIA INOVADORA (EI)**

**Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS**

**Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR**

## RESUMO

*Neste artigo procuramos entender e propor reflexões acerca da pedagogia da parceria. Para tanto, tivemos que perceber o novo aluno que frequenta os bancos escolares nos dias atuais, suas características e suas idiossincrasias, bem como tentamos perceber o mundo que nos cerca e o papel de um novo tipo de professor nele. Um novo professor para um novo tipo de aluno é um dos alvos deste trabalho, que tenta promover a parceria entre estas duas entidades e entender métodos para que o professor – criado em um ambiente ainda pré-Internet – consiga dialogar com os novos estudantes, cuja vida foi tocada pelas novas tecnologias de informação e comunicação desde o nascimento.*

**Palavras-chave: pedagogia; jovens Net; aprendizagem**

## 1 INTRODUÇÃO

O professor enfrenta o desafio de ensinar alunos denominados de “nativos digitais” por Prensky. Para isso precisa que tenha em mente as características específicas desses estudantes, que em geral são imediatistas e impacientes. Não gostam de aprender coisas que não tenham aplicação imediata na sua vida cotidiana, na sua vida real, além disso, o que aprendem no mundo virtual tem uso imediato, como já aponta Bauman (2009). Neste trabalho tentaremos perceber como novas metodologias podem contribuir para diminuir o abismo entre a juventude atual e seus professores.

## 2 PERFIL DOS JOVENS DAS GERAÇÕES NET

Os nativos digitais são jovens que, no Brasil, nasceram depois 1990 e que estão rodeados de meios digitais, uma vez que quando estavam em idade escolar a internet comercial já era uma realidade. Estes indivíduos já iniciaram suas vidas usando as ferramentas da era digital.

Como deveríamos chamar estes “novos” alunos de hoje? Alguns se referem a eles como N-gen [Net] ou D-gen [Digital]. Porém a denominação mais utilizada que encontrei é Nativos Digitais. (PRENSKY, 2005, p.2).

Apresentamos apenas algumas características desses jovens, pois, mais do que dar-lhes um nome é preciso conhecer seu perfil, assim resumido por Prensky:

Não querem assistir aulas magistrais; Querem ser respeitados, tomados como confiáveis, e ter suas opiniões valorizadas; Querem seguir seus próprios interesses e paixões; Querem criar, usando as ferramentas de seu tempo; Querem trabalhar com pares em trabalhos de grupo e em projetos (para que possam se mover livremente); Querem tomar decisões e dividir controle; Querem estar conectados com seus colegas para expressar e compartilhar opiniões, em sala de aula e pelo mundo; Querem colaborar e competir uns com os outros; Não querem uma educação que apenas relevante, mas real. (PRENSKY, 2010, p.19)

Esses jovens nascidos pós-Internet, muitas vezes têm instrumentos para contestar os saberes oficiais. Enquanto o professor está ensinando determinado assunto, esses estudantes têm à disposição meios digitais como celulares ligados à rede, *notebooks*, ou *tablets* que podem consultar e obter informações mais atualizadas a qualquer momento por um simples click.

Outra das características marcantes desses jovens é sua capacidade de executar várias tarefas ao mesmo tempo, o que faz com que sejam rápidos no rastreamento e busca de informações, ainda

que possam incorrer no risco de superficialidade. Contudo, cremos que na maioria das universidades brasileiras, apesar de os jovens estarem envolvidos em nuvens digitais, esses mesmos jovens não estão preparados para que as aulas sigam esse ritmo. Oferecem resistências. E de onde vem essas resistências?

Em primeiro lugar, das instituições. Tanto o MEC como a maioria das universidades, no máximo toleram tais tecnologias, normalmente não incentivando os professores a adotarem uma prática pedagógica realmente inovadora nos cursos presenciais. Essa resistência transparece nas exigências de provas escritas que, muitas vezes, os docentes precisam submeter à apreciação da coordenação pedagógica que tem um olhar diferente do docente inovador. Há um apego exagerado à tradição e aos formalismos acadêmicos que corrói as possibilidades de substituição dos modelos pedagógicos vigentes.

Também existe a inércia dos docentes que não estão dispostos a enfrentar desafios que exijam uma reaprendizagem dos seus conhecimentos, que julgam definitivos e aprovados. Falta humildade em aceitar a própria ignorância e o fato da volatilidade dos saberes pedagógicos. Os professores nem sempre aceitam adotar a atitude pedagógica do Mestre Ignorante, proposta por Jacotot. (RANCIÈRE, 2002).

Jacotot era um professor que devia ensinar francês aos alunos holandeses que apenas conheciam o idioma holandês. Ora, Jacotot não sabia essa língua. Como resolveu o problema? Passou como tarefa aos seus discípulos que aprendessem francês lendo a obra de a obra Fénelon em edição bilíngue. Assim eles aprenderam o francês.

Essas contingências haviam tomado, na circunstância, a forma de recomendação feita por Jacotot. Disso advinha uma consequência capital, não mais para os alunos, mas para o Mestre. Eles haviam aprendido sem mestre explicador, mas não sem mestre. Antes, não sabiam e, agora, sim. Logo, Jacotot havia lhes ensinado algo. No entanto, ele nada lhes havia comunicado de sua ciência. Não era, portanto, a ciência do Mestre que os alunos aprendiam. Ele havia sido mestre por força da ordem que mergulhara os alunos no círculo de onde eles podiam sair sozinhos, quando retirava sua inteligência para deixar as deles entregues àquela do livro. (RANCIÈRE, 2002, p.11).

Portanto, a experiência do Mestre ignorante constitui uma ruptura com a lógica das pedagogias tradicionais, que são nas aulas expositivas, simplesmente bancárias, como explica Freire (2005). Os professores, quando ensinam, de modo consciente ou não, apoiam-se num pressuposto que o seu saber em oposição à ignorância dos alunos, que pretendem dissipar.

O que é certo é que o modo de aprender dessa geração parece ser bem diferente das gerações que a antecederam: não aprendem mais de modo linear característico do pensamento cartesiano ou racionalista. O pensamento dos jovens digitais é mais volátil. Trata-se de compreender as implicações dessa condição peculiar da existência real desses jovens, que em sua vida cotidiana não seguem a lógica própria da racionalidade linear cartesiana. Para eles não há mais longo prazo, apenas o curto prazo, como informa Bauman (2008) são imediatistas. Os alunos teriam a capacidade de relacionar mais coisas ao mesmo tempo, podendo examiná-las de modo mais rápido, tomando decisões no momento real em que vivem. Os lineares seriam mais propensos a raciocinar de modo mais lento e menos adequado a uma situação nova.

A principal crítica que fazem ao ensino acadêmico oficial é que este ensino é ditado de um professor que fala para muitos. Ensina-se o que é feito para você e não o que é feito por você.

### **3 A PEDAGOGIA DA PARCERIA**

O professor educador que prepara seus educandos para uma sociedade futura e desconhecida, em constante transformação, não pode determinar objetivos fixos e previstos ou previsíveis: deve formar seus alunos para a incerteza. Não confundir preparação para a incerteza e o inesperado com ceticismo generalizado.

Não se trata de introduzir ou de focalizar em novas tecnologias, mas sim de procurar mudar o conceito do papel do professor. Não que os docentes devam relegar o passado, como bem o afirma Paulo Freire (2007). Mas precisam sobretudo se preocupar por um método de aprendizagem que atenda o perfil dos estudantes do século XXI, preparando-os para enfrentar os desafios que deverão enfrentar, dando-lhes as oportunidades de tomarem desde já as decisões que melhor lhes convenham, sendo seu guia e conselheiro

Dessa forma essa pedagogia deve preparar os alunos para suas necessidades no século XXI. A pedagogia da parceria é adequada aos estudantes net, porque os alunos aprendem por meio de interações sociais, com seus pares ou com pessoas de seu entorno. Ou, como esclarece Wenger (2008 p. 5), a aprendizagem não se realiza apenas nas instituições escolares: aprendemos durante todo o tempo e em todos os lugares, nas relações com nossos semelhantes, na realização de nossas atividades.

Um dos meus pressupostos em relação às questões sobre a aprendizagem e sobre a natureza do conhecimento, o conhecer, e os que aprendem supõe as premissas que podem ser resumidas sucintamente como segue.

Somos seres sociais. Longe de ser apenas trivialmente verdade, este fato é um aspecto central da aprendizagem.

Portanto, a pedagogia da parceria é oposta ao ensino tradicional em que as aulas são, em sua geral, expositivas. Opõe-se ao professor que fica falando durante a maioria do tempo, enquanto os alunos ficam tomando notas, tornando-se, em muitos casos, meros copistas. Opõe-se, sobretudo ao ensino que se baseia em livros ou textos didáticos que já nascem com data de validade vencida, dada a velocidade líquida do mundo vigente

### **4 A MEDIAÇÃO NA PEDAGOGIA DA PARCERIA**

Oliveira (2002, p. 26), assim definiu mediação:

Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.

Além disso,

O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possíveis as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo. (OLIVEIRA, 2002, p. 33)

A “aprendizagem ocorre num contexto de participação, não na mente individual. [...] é mediada por diferentes perspectivas entre coparticipantes”. (LAVE & WENGER, 2009, p. 15).

Além disso, como salienta Chartier (1999), todo leitor é co-produtor do significado do que está lendo. Assim, podemos dizer que o livro escrito ou a aula dita em voz alta só é completada na mente do escutador ou do leitor. O aluno é sempre co-produtor do conceito transmitido pelo professor.

Há a internalização de modo socio interativo; é o momento em que o aluno assimila o conhecimento. Sem esta apropriação ou internalização ou assimilação, conforme se queira denominar, não existe aprendizado. Toda aprendizagem exige a capacidade de evocação: dizer onde estão as informações ou saber quem as domina não é aprender.

A aprendizagem que o estudante efetua com sua interatividade ou interação com seus pares ou professores ou outros de modo social, por meio da comunicação, é a mediação sócio interacionista preconizada por Vygotsky. Essa mediação prepara a internalização do que se aprende de modo social. É o que acontece na pedagogia da parceria. Segundo Prensky (2010, p. 41) a mediação nessa pedagogia se processa segundo quatro princípios:

1. O professor não fala, pergunta; o aluno não toma notas, procura, acha;
2. O professor sugere tópicos e instrumentos; o aluno pesquisa e encontra soluções;
3. O professor aprende tecnologia com os estudantes; o aluno aprende sobre qualidade e rigor com o professor;
4. O professor avalia as soluções propostas e soluções dos alunos, examinando a qualidade e o rigor, a contextualização; o aluno refina e melhora as respostas, adicionando rigor, contexto e qualidade.

A característica fundamental da pedagogia da parceria é a possibilidade da individualização da

aprendizagem, com recursos tecnológicos ou com interação face a face. Em vez de ensinar o conteúdo pela apresentação de textos didáticos, recorre-se a perguntas-guias ou orientadoras. O importante é conseguir que os estudantes se interessem e decidam pesquisar por própria conta para construir o seu conhecimento. É o método sobre o qual insiste Pedro Demo (1990) já há muito tempo.

## **5 FUNÇÕES DO PROFESSOR NESTA PEDAGOGIA DA PARCERIA**

As tarefas do professor como mediador na pedagogia da parceria não são tarefas estranhas ao que habitualmente faz em sua prática na sala de aula. O docente faz o plano de ensino que determina quais os objetivos e atividades que as atividades que os estudantes devem executar para aprender. Assim, na pedagogia da parceria, seu primeiro papel consiste em fornecer aos alunos as tarefas que devem realizar durante determinado período escolar, seja no espaço breve de uma aula, seja em grandes tarefas que levarão entre duas ou três semanas para serem completadas, seja um grande projeto executado durante todo o ano

É importante salientar também que o estabelecimento das atividades que os estudantes devem realizar não pode ser imposto de maneira autocrática pelo docente. Seguirá os princípios da parceria, discutindo com cada aluno ou com cada grupo de alunos o que cada aluno ou grupo deseja estudar e, sobretudo, o que precisa estudar. Nesse planejamento é preciso considerar os desejos dos alunos, suas necessidades reais que precisam estar articuladas com as exigências curriculares. Cada estudante, com a colaboração do docente, estabelecerá seu plano de estudo e de atividades, assim como se vai estudar por si mesmo o em colaboração com os colegas.

Fixado o plano de estudos e de atividades, cabe ao professor o papel de guia e de orientador. “O papel de guia implica levar os alunos numa trajetória (viagem); a parceria professor-aluno implica que cada aluno tenha um conselheiro particular”. (PRENSKY, 2010, p. 50).

O professor precisa determinar de maneira precisa os objetivos da aprendizagem dos estudantes, baseando-se em pesquisas e em sua experiência. Para que os seus orientandos alcancem essas metas, precisa formular questões gerais que abranjam o assunto em sua totalidade, questões gerais a serem especificadas por outras perguntas mais detalhadas. Se não houver questões ricas que sirvam de base a um projeto consistente, a aprendizagem não será eficiente. Portanto, o docente deve capacitar-se na arte de bem arguir, de bem questionar para que não caia na armadilha das perguntas triviais e inconsistentes, como já o assinalam Postaman e Weingartner (1971) quando expõem seu método de inquérito.

Para os professores, que em sua maioria estão habituados ao modo tradicional de ensinar, não é fácil ter que aceitar outro modo de manejo de classe. Os docentes terão que abandonar o controle total para atividade controlada, sugerindo tópicos e dando oportunidade aos alunos para que pesquisem e encontrem as soluções. Os mesmos serão ativos e não meros copiadores de exposições dos seus mestres ou de resumos de textos didáticos. Desse modo usufruirão do prazer da descoberta, deixando de ser meros agentes passivos, não sendo apenas repositórios das informações que são obrigados absorverem de modo passivo.

Para essa pesquisa não estarão apenas sujeitos aos livros limitados das bibliotecas, podendo

buscar no imenso oceano de informações que é a web.

Outro papel importante para o professor na pedagogia da parceria é como designer de experiências originais de aprendizagem em que os alunos serão criativos, Os alunos não querem aulas repetitivas; tanto professores como estudantes estão com fome de variedade e mudanças freqüentes positivas. (PRENSKY, 2010, p. 52).

Os latinos tinham um dito: *assueta vilescunt*: as coisas rotineiras se aviltam e se desgastam. Mas o fato de deixar aos alunos liberdade para pesquisar sem controle rígido, permitindo que se movimentem em sala de aula ou ir fazer consultas nas bibliotecas, não significa que os estudantes não devam seguir certas regras de respeito mútuo: nem a sala de aula, nem o colégio podem virar um caos.

Finalmente, o docente não pode se furtar à obrigação de avaliar a qualidade dos trabalhos ou as respostas dos alunos examinando-os com o devido rigor assim como se contextualizaram adequadamente suas tarefas. Desse modo, os estudantes aprenderão a refinar suas respostas, fazendo suas pesquisas e tarefas também com rigor e qualidade.

## 6 POSSÍVEIS LIMITES À PEDAGOGIA DA PARCERIA

Mas será que se pode começar de modo abrupto essa pedagogia de parceria, passando do modo tradicional expositivo para a pedagogia da parceria que exige o método de pesquisa ou de inquérito, deixando o controle habitual para uma cogestão democrática em que os alunos serão seus próprios professores? O processo de inovação ou de substituição do método didático não é tão fácil, como poderia aparentar.

Lembremos que Prensky trata dos nativos digitais, porém o fato de os estudantes terem nascido na era digital não significa que sejam nativos digitais. É preciso levar em sua devida conta as peculiaridades regionais, como o caso do Brasil. A maioria que nasceu depois de 1990 não está demonstrando que é uma geração digital, sobretudo no que se refere ao ensino e à aprendizagem. Usam smartphones, *netbooks*, *tablets* e outros meios digitais, mas nem sempre com fim de aprender. Muitos, fora do trabalho, usam as redes sociais para se conectar com seus colegas e membros de seus grupos virtuais. Outros empregam os citados meios para baixar e ouvir música ou baixar vídeos e outras atividades que estão distantes do processo de aprendizagem.

Brauerlein (2008) diz que usar mal a internet é quando os alunos em vez de seguirem as aulas, ficam ocupados com seus smartphones, verificando seus e-mails, visitando o *facebook*, *twitter* e *Snapchat*, além de outras redes de relacionamento. Contudo, Brauerlein desconsidera o fato de que pelas redes os alunos constroem seu próprio conhecimento em conexão com seus pares presentes ou conectados virtualmente. Depois que o aluno construiu seu próprio texto, submete-o à sua rede para que os outros colegas possam contribuir indicando ou ideias ou sites, tendo em vista que toda a classe estuda o mesmo assunto, e isso constitui um aprendizado muito eficaz.

Não obstante não é tão comum no Brasil o fato de os professores recorrerem ao B-Learning, como acontece em Portugal, por exemplo. (PERES & PIMENTA, 2011). Com esta observação assinalamos que ainda não há cultura para uma prática de uma boa pedagogia da parceria. Para muitos alunos, se o docente não ministra o conteúdo de uma forma catedrática, expositiva e “detentora do saber”, não é bom professor. O que mostra que há um longo caminho em frente para que se possa praticar plenamente a pedagogia da parceria.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste artigo, pudemos constatar que existe de fato uma nova geração de estudantes, nascida e desenvolvida sob a égide da internet e da comunicação móvel. Estes novos alunos, ou pelo menos a maioria deles, têm dificuldade de manter o foco e a aprendizagem em uma aula meramente expositiva, com um professor “detentor de todo o saber”. A característica bancária do ensino parece estar com os dias contados justamente por conta das novas peculiaridades inerentes a este novo indivíduo que agora está nos bancos escolares.

Isto posto, é dever do professor motivar estes alunos, já que, como é sabido, é o aluno que aprende, não o professor que ensina, ou seja, o aluno deve ter vontade de aprender, deve querer adquirir o conhecimento que uma aula pode proporcionar. Sem este desejo, não há professor ou metodologia que faça com que aquele garoto ou garota aprendam.

Assim, podemos colocar que professor e alunos deveriam decidir o que e como estudar, e, mais ainda, cabe ao professor mostrar aos alunos o que seria interessante para eles estudarem, de acordo com parâmetros curriculares e sua faixa etária. Como o professor, na pedagogia da parceria, deixa de ser o detentor do saber, ele acabará tornando-se uma espécie de guia para a viagem – individual – de cada aluno.

E além de guia, graças às novas tecnologias que dão poder ao Olgária aluno e o colocam no mesmo patamar informacional que o professor, o professor acaba sendo mais um aprendiz, que aprende ao colaborar, que se modifica junto com seus alunos, que desenvolve sua cognição juntamente com os estudantes. O professor hoje deve interagir com os alunos, pesquisar com eles, aprender com eles e movimentar-se tecnologicamente com os mais novos. Não nos esqueçamos que um parceiro é um companheiro de jornada, é uma pessoa que podemos confiar, que nos ajuda nas horas mais fáceis e nos defende nas horas mais difíceis.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista sobre a educação. **Desafios pedagógicos e modernidade líquida** (Cad. Pesq. v. 39 n. 137, São Paulo, maio/ago. 2009).

BRAUERLEIN, Mark. **The Dumbest generation**: how the digital age stupefies young americans and jeopardizes our future. New York, Jeremy P. Tarchers/Penguin, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. São Paulo: Edusp, 1999.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LAVE, Jean; WENGER, E. **Situated Learning. Legitimate peripheral participation**. Cambridge: University Press, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl, **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. Curitiba: Editora Scipione, 2002.

PERES, Paula; PIMENTA, Pedro. **Teorias e práticas de B-learning**. Lisboa: Sílabo, 2011.

POSTAMAN, Neil; WEINGARTNER, Charles. **Contestação nova fórmula de ensino**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.

PRENSKY, Marc. **Teaching digital natives. Partnering for real learning**. Thousand Oaks, California: Corwin, A Sage Company, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

WENGER, Etienne. **Communities of practice. Learning, Meaning and Identity.** Cambridge: University Press, 2008.